

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO  
GRANDE DO SUL - CAMPUS OSÓRIO  
PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU EM EDUCAÇÃO BÁSICA E PROFISSIONAL**

**ISABEL MAYER SILVA DA CUNHA**

**Entre o boto e a tarrafa: reflexões filosóficas a partir da pesca colaborativa em  
Imbé**

**Profa. Dra Maria Augusta Martiarena**

**Osório  
Maio/2026**

## ENTRE O BOTO E A TARRAFA: REFLEXÕES FILOSÓFICAS A PARTIR DA PESCA COLABORATIVA EM IMBÉ

### Between the bottlenose dolphin and the fishing net: Philosophical reflections on collaborative fishing in Imbé

**Resumo:** Este artigo propõe uma leitura metafórica e representacional da pesca colaborativa da tainha, realizada no município de Imbé, litoral norte do Rio Grande do Sul, a partir de alguns conceitos presentes no pensamento de Karl Marx. O estudo parte da compreensão da pesca colaborativa como uma prática cultural tradicional, marcada pela interação entre pescadores artesanais, botos e ambiente natural, para analisar a tainha como uma representação simbólica capaz de suscitar reflexões sobre trabalho, alienação, dominação e resistência. Metodologicamente, a pesquisa caracteriza-se como qualitativa, bibliográfica e interpretativa, fundamentada em autores que discutem representação, metáfora, filosofia, cultura e educação. As discussões apoiam-se especialmente nas contribuições de Marx, Ricoeur, Lakoff e Johnson, Burke e Paulo Freire. Os resultados indicam que a metáfora da tainha constitui um recurso interpretativo capaz de aproximar experiências culturais locais de conceitos filosóficos mais amplos, sem estabelecer equivalências diretas entre a prática pesqueira e a teoria marxista. Além disso, a pesquisa aponta para o potencial pedagógico da metáfora quando articulada aos princípios da educação crítica, favorecendo processos de reflexão sobre a realidade social e a construção do conhecimento. Conclui-se que a pesca colaborativa de Imbé oferece um rico campo simbólico para o diálogo entre cultura, filosofia e educação.

**Palavras-chave:** pesca colaborativa; tainha; metáfora; representação; Karl Marx; educação crítica.

**Abstract:** This article proposes a metaphorical and representational reading of the collaborative mullet fishing practice carried out in the municipality of Imbé, on the northern coast of Rio Grande do Sul, Brazil, based on selected concepts from Karl Marx's thought. The study begins by understanding collaborative fishing as a traditional cultural practice characterized by the interaction among artisanal fishers, dolphins, and the natural environment, in order to analyze the mullet as a symbolic representation capable of prompting reflections on labor, alienation, domination, and resistance. Methodologically, the research is qualitative, bibliographical, and interpretative, grounded in authors who discuss representation, metaphor, philosophy, culture, and education. The discussion is particularly supported by the contributions of Marx, Ricoeur, Lakoff and Johnson, Burke, and Paulo Freire. The findings indicate that the mullet metaphor constitutes an interpretative resource capable of connecting local cultural experiences with broader philosophical concepts, without establishing direct equivalences between the fishing practice and Marxist theory. Furthermore, the study highlights the pedagogical potential of the metaphor when articulated with the principles of critical education, fostering reflection on social reality and the construction of knowledge. It is concluded that the collaborative fishing practice in Imbé offers a rich symbolic field for dialogue among culture, philosophy, and education.

**Keywords:** collaborative fishing; mullet; metaphor; representation; Karl Marx; critical education.

## 1. Introdução

A pesca colaborativa da tainha realizada no município de Imbé, no litoral norte do Rio Grande do Sul, constitui uma prática cultural marcada pela interação entre pescadores artesanais, botos e o ambiente estuarino. Reconhecida como um saber tradicional transmitido entre gerações, essa atividade ultrapassa sua dimensão econômica e apresenta elementos simbólicos que permitem diferentes formas de interpretação da realidade social.

Entre esses elementos, destaca-se a figura da tainha. Inserida em uma dinâmica que envolve deslocamentos, encontros e capturas, ela pode ser compreendida para além de sua condição biológica, assumindo um papel representacional que possibilita reflexões sobre a condição humana, o trabalho e as formas de organização da vida social. Nesse sentido, a tainha é tomada neste estudo como uma metáfora, isto é, como uma imagem que permite aproximar experiências concretas de conceitos filosóficos mais amplos.

O presente artigo propõe uma leitura metafórica e representacional de alguns conceitos presentes no pensamento de Karl Marx a partir da pesca colaborativa da tainha em Imbé. Não se pretende afirmar que essa prática reproduza diretamente as relações sociais descritas por Marx, nem demonstrar que a pesca colaborativa constitui uma expressão do sistema capitalista. O objetivo consiste em utilizar a imagem da tainha como recurso interpretativo para refletir sobre conceitos como trabalho, alienação, dominação e resistência, explorando as possibilidades de significado que emergem dessa aproximação.

A escolha desta temática justifica-se pela riqueza cultural da pesca colaborativa e pela potencialidade da metáfora como instrumento de reflexão filosófica. Ao aproximar conceitos teóricos de uma prática tradicional presente no cotidiano do litoral gaúcho, torna-se possível construir uma leitura mais acessível de questões complexas relacionadas às relações sociais e ao trabalho humano. Além disso, a valorização dos saberes locais contribui para fortalecer a compreensão da pesca colaborativa como patrimônio cultural e espaço de produção de conhecimento.

Diante disso, formula-se o seguinte problema de pesquisa: de que maneira a tainha, observada na pesca colaborativa de Imbé, pode ser interpretada como representação metafórica de conceitos presentes no pensamento de Karl Marx e

quais possibilidades pedagógicas podem emergir dessa leitura?

Como objetivo geral, busca-se interpretar a tainha como uma representação metafórica que possibilita refletir sobre conceitos marxistas relacionados ao trabalho, à alienação, à dominação e à resistência. Como objetivos específicos, pretende-se compreender a pesca colaborativa como contexto cultural da metáfora proposta; discutir os conceitos de representação, símbolo e metáfora como instrumentos de interpretação; analisar as aproximações possíveis entre a trajetória da tainha e determinados conceitos marxistas; e refletir sobre o potencial pedagógico dessa leitura a partir das contribuições de Paulo Freire para a educação crítica.

Metodologicamente, a pesquisa caracteriza-se como qualitativa, bibliográfica e interpretativa. O estudo fundamenta-se em autores que discutem representação, metáfora, trabalho, cultura e educação, buscando construir uma leitura filosófica da pesca colaborativa sem a pretensão de produzir generalizações empíricas sobre a atividade pesqueira.

Para alcançar esses objetivos, o artigo está organizado em cinco seções. Inicialmente, apresenta-se o contexto histórico e cultural da pesca colaborativa em Imbé. Em seguida, discutem-se os conceitos de representação, símbolo e metáfora como fundamentos teóricos da análise. Posteriormente, desenvolve-se a leitura da tainha como representação metafórica de conceitos presentes no pensamento marxista. Na sequência, são examinadas as contribuições da pesca colaborativa para a reflexão filosófica e educativa. Por fim, discutem-se as possibilidades pedagógicas dessa leitura à luz da educação crítica proposta por Paulo Freire.

## **2. Referencial teórico**

### **2.1 A tainha, a pesca e o município de Imbé: território, cultura e vida**

No litoral norte do Rio Grande do Sul existe um lugar onde o mar e o rio se encontram, e com eles, o modo de viver de um povo. É Imbé, cidade que carrega em suas águas a história de quem faz da pesca mais que um ofício, faz dela um elo com a natureza e com o tempo (PREFEITURA MUNICIPAL DE IMBÉ, 2023). O estuário do Rio Tramandaí, abraçado pelo Oceano Atlântico, guarda memórias de famílias que há gerações tiram dali o sustento e o sentido da vida.

Entre tantas práticas, há uma que se destaca como poesia viva: a pesca da

tainha com a ajuda dos botos. São companheiros de jornada há mais de sessenta anos. Os botos empurram o cardume para perto da praia, e os pescadores, atentos ao movimento da água e ao sopro do vento, lançam suas tarrafas no instante certo (ILHA et al., 2020). É um gesto de confiança, um trabalho partilhado entre homem e natureza, um pacto silencioso que atravessa o tempo.

Essa relação profunda entre pescadores, tainha e botos também é reconhecida e estudada pelo Projeto Botos da Barra do Rio Tramandaí (2017), desenvolvido pelo CECLIMAR e pelo Campus Litoral Norte da UFRGS, em parceria com diferentes instituições. O projeto busca fortalecer a comunidade local e conservar tanto a população de botos quanto a prática da pesca cooperativa, além do ambiente em que ela acontece (MORENO et al., 2017). Suas ações incluem cursos, oficinas, palestras, exposições fotográficas e campanhas educativas, além da produção de materiais pedagógicos destinados a professores e crianças, mostrando que a pesca colaborativa é também um espaço de aprendizado, memória e preservação cultural.

Na Barra de Imbé, entre o rio e o mar, o ritmo da vida corre junto com o das marés. Cada tarrafa lançada traz consigo histórias, saberes e gestos herdados dos mais velhos (ILHA et al., 2020). É um modo de viver que não se aprende em livro, nasce do olhar, do toque, da convivência. É o patrimônio invisível de um povo que resiste, que se reconhece nas ondas e no sal. A tainha, nesse cenário, é mais do que um peixe. É símbolo. É resistência. Ela viaja entre o mar e o rio, como quem busca caminhos para continuar existindo. Sua travessia é o espelho das comunidades que vivem do que o mar oferece, sempre entre o risco e a esperança, entre a fartura e a falta (REZENDE, 2022).

A chegada da tainha marca o tempo e reúne as pessoas. É o alimento e a lembrança, é a alegria e a espera. A tainha é vida em movimento, corpo e metáfora, natureza e história. O Projeto Botos da Barra (2017) reforça essa perspectiva ao destacar a importância da conservação do estuário e da relação singular entre pescadores, botos e tainhas.

Suas pesquisas buscam compreender o uso do estuário pelos botos, a produtividade pesqueira e os impactos das atividades humanas no território (MORENO et al., 2017). Esse conhecimento contribui para a manutenção da pesca artesanal, que, mesmo pressionada pela expansão urbana e pelo turismo, segue viva e reinventada em Imbé. Sob o olhar da teoria marxista, a tainha se torna

imagem do trabalhador: capturada, transformada em mercadoria, arrancada de seu curso natural para servir ao lucro.

Assim como o homem do mar, vive cercada por forças maiores, sobrevive, resiste, insiste. Imbé, então, é o palco onde essa metáfora ganha forma. A pesca da tainha não é só tradição, é também retrato da luta e da beleza que há na sobrevivência (PREFEITURA MUNICIPAL DE IMBÉ, 2023). É a vida que se refaz a cada ciclo, mesmo quando o mundo parece querer transformar tudo em produto. É mar, é trabalho, é poesia e é também denúncia silenciosa de um tempo que insiste em explorar até o que é sagrado.

## **2.2 Representação, símbolo e metáfora como instrumentos de interpretação**

Antes de interpretar a tainha como metáfora de conceitos presentes no pensamento marxista, é necessário compreender alguns conceitos que fundamentam essa leitura. Termos como representação, símbolo e metáfora aparecem frequentemente nas ciências humanas porque permitem interpretar fenômenos que ultrapassam sua existência material imediata. Em outras palavras, ajudam a compreender como determinados elementos da realidade podem adquirir significados que vão além daquilo que são em sua forma concreta.

Segundo Burke (2005), as representações constituem formas pelas quais os indivíduos e os grupos sociais atribuem sentido ao mundo. Elas não reproduzem a realidade de maneira neutra, mas constroem interpretações que refletem valores, experiências e visões de mundo. Nesse sentido, uma representação não é a própria realidade, mas uma forma de compreendê-la e comunicá-la.

Nesse processo, é possível distinguir o representante e o representado. O representante é o elemento visível que ocupa o lugar de algo; o representado é aquilo a que esse elemento se refere. Neste estudo, a tainha assume a função de representante, enquanto determinados conceitos relacionados ao trabalho, à alienação e à dominação constituem o representado. Não se trata de afirmar que a tainha seja o trabalhador, mas de reconhecer que ela pode funcionar como uma imagem capaz de evocar reflexões sobre a condição humana em determinadas circunstâncias históricas e sociais.

Essa discussão aproxima-se também da noção de símbolo. Diferentemente de uma simples representação, o símbolo concentra significados construídos

culturalmente ao longo do tempo. Sua força está justamente na capacidade de reunir diferentes sentidos em uma mesma imagem. A tainha, nesse contexto, não representa apenas um peixe ou uma atividade econômica. Ela também pode simbolizar deslocamento, sobrevivência, vulnerabilidade, persistência e resistência, dependendo da forma como é interpretada pelos sujeitos e pelas comunidades que convivem com essa prática.

A compreensão dos símbolos pode ser ampliada pela contribuição da semiótica, que distingue os conceitos de significante e significado. O significante corresponde à forma material pela qual algo se apresenta, como uma palavra, uma imagem ou um objeto. O significado refere-se ao conceito ou ideia evocada por essa forma. Assim, a tainha constitui o significante, enquanto as reflexões sobre trabalho, alienação, dominação ou resistência correspondem aos significados que podem ser construídos a partir dela.

É nesse ponto que a metáfora assume papel central. Para Ricoeur (2000), a metáfora não deve ser entendida apenas como um recurso estético ou literário. Ela constitui uma forma de conhecimento capaz de produzir novos sentidos e novas interpretações da realidade. Ao relacionar elementos aparentemente distintos, a metáfora permite perceber aspectos que permaneceriam ocultos em uma leitura exclusivamente descritiva.

Lakoff e Johnson (2002) aprofundam essa compreensão ao afirmar que as metáforas não estão presentes apenas na linguagem, mas também na maneira como os seres humanos organizam seus pensamentos e interpretam suas experiências. As pessoas compreendem conceitos complexos por meio de imagens e relações construídas a partir da vida cotidiana. Dessa forma, a metáfora não é apenas uma figura de linguagem, mas um instrumento cognitivo que participa da construção do conhecimento.

A partir dessas contribuições teóricas, a tainha é compreendida neste estudo como uma representação metafórica. Sua trajetória não pretende explicar diretamente a realidade social, mas oferecer uma imagem capaz de suscitar reflexões sobre determinados conceitos presentes no pensamento marxista. O valor da metáfora não está em reproduzir fielmente a realidade, mas em abrir possibilidades de interpretação que permitam estabelecer relações entre experiências concretas e ideias filosóficas.

Assim, a pesca colaborativa de Imbé deixa de ser observada apenas como

uma atividade tradicional e passa a constituir um campo simbólico de reflexão. A tainha, tomada como representação metafórica, transforma-se em uma ponte interpretativa entre a experiência vivida e a elaboração conceitual, possibilitando aproximar elementos da cultura local de questões mais amplas relacionadas ao trabalho, à dominação, à alienação e à resistência.

### **2.3 A tainha como representação metafórica de conceitos marxistas**

A proposta deste estudo não consiste em afirmar que a pesca colaborativa de Imbé reproduz diretamente as relações sociais analisadas por Karl Marx. Trata-se, antes, de utilizar a imagem da tainha como uma representação metafórica capaz de suscitar reflexões sobre alguns conceitos desenvolvidos pelo autor, especialmente aqueles relacionados ao trabalho, à alienação, à dominação e à resistência.

Karl Marx (1818–1883) dedicou grande parte de sua obra à compreensão das transformações produzidas pelo capitalismo na vida humana. Ao analisar as relações de produção surgidas com a industrialização, o autor procurou demonstrar como o trabalho, atividade fundamental para a existência humana, passou a ser organizado de forma cada vez mais subordinada às exigências econômicas do sistema produtivo. Nesse contexto, o trabalhador deixa de controlar plenamente aquilo que produz e as condições em que produz, tornando-se dependente de estruturas que limitam sua autonomia.

Um dos conceitos centrais para essa análise é o de alienação. Nos Manuscritos Econômico-Filosóficos de 1844, Marx argumenta que o trabalhador pode tornar-se estranho ao produto de seu trabalho, ao próprio ato de produzir, aos demais indivíduos e até mesmo à sua própria humanidade. O trabalho, que deveria constituir uma atividade criadora e realizadora, passa a ser experimentado como obrigação, necessidade ou imposição externa. A alienação representa, portanto, uma ruptura entre o sujeito e aquilo que ele produz, entre o indivíduo e sua capacidade de se reconhecer em sua própria atividade.

É nesse ponto que a metáfora da tainha pode contribuir para a reflexão filosófica proposta neste artigo. Ao longo de sua trajetória migratória, a tainha desloca-se por caminhos condicionados por diferentes forças naturais. Quando inserida no contexto simbólico da pesca colaborativa, sua imagem permite construir uma representação da condição de sujeitos que frequentemente se veem diante de

circunstâncias que não controlam integralmente. A força da metáfora não está em estabelecer uma equivalência entre peixe e trabalhador, mas em possibilitar uma leitura interpretativa sobre situações marcadas por limites, condicionamentos e relações de dependência.

Nesse sentido, é importante destacar que a colaboração existente entre pescadores e botos não constitui uma relação de dominação. Ao contrário, os estudos sobre a pesca colaborativa demonstram uma interação baseada na observação mútua e em benefícios compartilhados. A metáfora proposta neste trabalho não atribui ao boto o papel de agente dominador nem transforma a prática colaborativa em representação direta da exploração capitalista.

A dimensão metafórica emerge especificamente da posição ocupada pela tainha enquanto elemento central dessa dinâmica. Inserida entre diferentes forças que orientam sua trajetória, ela torna-se uma imagem capaz de representar situações em que indivíduos ou grupos sociais experimentam limites à sua autonomia. Assim, a tainha não simboliza uma vítima passiva, mas uma figura que permite pensar simultaneamente vulnerabilidade e permanência.

Essa interpretação torna-se ainda mais significativa quando relacionada ao conceito marxista de dominação. Para Marx, as relações sociais estabelecidas no capitalismo não dependem apenas da força direta, mas também de estruturas econômicas e históricas que condicionam as possibilidades de ação dos indivíduos. Muitas vezes, as pessoas tomam decisões dentro de contextos já definidos por condições que não escolheram. A metáfora da tainha ajuda a visualizar essa reflexão sem pretender reproduzir literalmente a teoria marxista.

Ao mesmo tempo, a imagem da tainha permite pensar a resistência. Apesar dos riscos presentes em sua trajetória, o peixe retorna a cada ciclo migratório, mantendo um movimento contínuo de permanência e renovação. Essa característica não constitui uma prova empírica das teses de Marx, mas oferece uma imagem simbólica que pode ser associada à capacidade humana de enfrentar condições adversas e buscar formas de continuidade diante das limitações impostas pela realidade social.

Dessa forma, a tainha é compreendida neste estudo como uma representação metafórica que possibilita aproximar a experiência cultural da pesca colaborativa de alguns conceitos presentes no pensamento marxista. Seu valor analítico não está na correspondência literal com a teoria, mas na capacidade de

produzir uma leitura filosófica que articula cultura, trabalho, dominação e resistência por meio da linguagem simbólica.

#### **2.4 Natureza, trabalho e cultura: a pesca colaborativa a partir de Ilha (2020) e do Projeto Botos da Barra**

A pesca da tainha em Imbé tem algo que a distingue de qualquer outro lugar. Não é apenas o encontro entre o pescador, o boto e o mar, é uma prática carregada de história, memória e confiança. Ilha (2020) descreve essa prática como pesca colaborativa, uma relação em que o boto conduz o cardume até a margem, e o pescador, atento ao movimento das águas, lança a rede no momento certo. É mais que técnica: é convivência, é cultura viva. O Projeto Botos da Barra do Rio Tramandaí, realizado pelo CECLIMAR e pelo Campus Litoral Norte da UFRGS, ajuda a compreender essa relação em profundidade.

Segundo o projeto (ALMEIDA; PFEIFER, 2017), a pesca colaborativa não é apenas uma cena bonita, mas um patrimônio cultural e ambiental que envolve toda a comunidade. É uma ação coletiva que protege outra ação coletiva. O projeto também desenvolveu ações educativas, cursos, oficinas, palestras, exposições fotográficas e campanhas, que envolveram estudantes, professores, turistas e moradores locais. Criou materiais didáticos para professores e uma cartilha infantil que apresenta a relação entre pescadores, botos e tainhas de forma lúdica. Essas ações mostram que a pesca colaborativa não é apenas uma prática do presente: é um saber que precisa ser transmitido para que exista futuro.

Além disso, o projeto conduz pesquisas sobre o comportamento dos botos, a circulação da tainha, a produtividade da pesca e os impactos da ação humana no estuário. Os pesquisadores fazem a identificação individual dos botos, analisam seus mergulhos e observam como eles usam o ambiente. Também promovem encontros com pescadores e gestores públicos para construir planos de conservação. O objetivo é simples e profundo: garantir que a pesca colaborativa continue existindo.

Nesse cenário, a tainha ganha um papel especial. Em Imbé, ela chega maior, como descreve o próprio projeto (ALMEIDA; PFEIFER, 2017). O corpo da tainha é resultado das condições do estuário, da temperatura, das rotas migratórias e da força do oceano. Ela marca o tempo e movimenta a comunidade. É alimento, é

renda, é tradição. É o motivo pelo qual o pescador acorda cedo e também o motivo pelo qual o boto se aproxima da margem.

Ilha (2020) lembra que essa prática, por mais bonita que seja, não está livre de tensões. A urbanização, o turismo e as disputas territoriais apertam o espaço do pescador artesanal. O Projeto Botos da Barra reforça esse alerta: sem políticas públicas, sem cuidado com o ambiente e sem valorização da cultura local, a pesca colaborativa corre risco de desaparecer. Ainda assim, a prática resiste. A colaboração entre pescador e boto ensina que a relação com a natureza pode ser de parceria e não de exploração. Ensina que os saberes antigos têm força, que o trabalho artesanal tem valor e que a cultura se mantém enquanto houver quem a pratique e quem a aprenda.

Em cada tarrafa lançada, permanece um pouco da história que passou pelos olhos dos mais velhos e agora chega às mãos dos mais jovens. Vendo por esse ângulo, a tainha deixa de ser apenas peixe. Torna-se metáfora de continuidade, memória e resistência. Um símbolo de como a vida encontra formas de seguir mesmo diante das mudanças. E a pesca colaborativa, como mostram Ilha (2020) e o Projeto Botos da Barra (2017), continua sendo um elo entre natureza, trabalho e comunidade: uma prática que merece ser preservada porque guarda, em si, a história de todo um modo de viver.

## **2.5 A educação crítica de Paulo Freire e o potencial pedagógico da metáfora da tainha**

A interpretação da tainha como representação metafórica de conceitos presentes no pensamento marxista não se encerra na análise filosófica. Ao contrário, ela também abre possibilidades para a reflexão educativa, especialmente quando considerada à luz das contribuições de Paulo Freire. Diferentemente de Marx, cuja preocupação central estava voltada para a compreensão das relações de trabalho e das estruturas sociais, Freire dedicou sua obra à discussão dos processos educativos e à formação da consciência crítica.

Para Freire (1987), a educação não se limita à transmissão de conteúdos. Ela constitui um processo por meio do qual os sujeitos aprendem a interpretar a realidade em que vivem, reconhecendo os condicionamentos históricos, sociais e culturais que influenciam suas experiências. Esse movimento, denominado conscientização, permite compreender o mundo não como uma realidade pronta e

imutável, mas como uma construção humana passível de transformação.

Nessa perspectiva, a educação crítica parte da experiência concreta dos sujeitos. Os conhecimentos adquiridos ao longo da vida, os saberes produzidos nas comunidades e as vivências cotidianas tornam-se elementos fundamentais do processo educativo. O aprendizado não ocorre pela simples memorização de conceitos, mas pelo diálogo entre diferentes formas de conhecimento e pela problematização da realidade.

É nesse contexto que a metáfora da tainha pode adquirir relevância pedagógica. Por estar vinculada a uma prática cultural conhecida por muitas comunidades do litoral norte gaúcho, ela oferece uma imagem acessível para a discussão de temas filosóficos complexos. A partir da trajetória da tainha, torna-se possível promover reflexões sobre trabalho, liberdade, condicionamentos sociais, resistência e construção da autonomia, estabelecendo pontes entre conceitos teóricos e experiências concretas.

A utilização da metáfora em contextos educativos não pretende substituir o estudo sistemático dos autores ou dos conceitos filosóficos. Sua função consiste em favorecer processos de compreensão, oferecendo imagens que auxiliam os estudantes a estabelecer relações entre a teoria e a realidade vivida. Nesse sentido, a metáfora atua como um recurso pedagógico capaz de estimular a curiosidade, a reflexão e o questionamento.

Freire (1996) destaca que o conhecimento se constrói por meio do diálogo e da problematização. O educador não é aquele que deposita conteúdos prontos nos estudantes, mas aquele que cria condições para que a aprendizagem aconteça de forma crítica e participativa. A partir dessa perspectiva, a metáfora da tainha pode servir como elemento gerador de debates sobre diferentes formas de organização da vida social, incentivando a análise de situações concretas e a construção de interpretações próprias.

Desse modo, o potencial pedagógico da metáfora não está em comprovar conceitos filosóficos, mas em criar possibilidades de reflexão. Ao mobilizar imagens presentes na cultura local, a educação aproxima o conhecimento acadêmico das experiências cotidianas, valorizando saberes historicamente construídos pelas comunidades. A pesca colaborativa, nesse contexto, deixa de ser apenas objeto de observação e passa a constituir um ponto de partida para processos educativos orientados pela leitura crítica da realidade.

Assim, as contribuições de Paulo Freire permitem compreender como a metáfora da tainha pode ser utilizada pedagogicamente sem perder seu caráter simbólico e interpretativo. Mais do que oferecer respostas prontas, ela convida à reflexão, ao diálogo e à construção coletiva do conhecimento, princípios fundamentais da educação crítica.

### **3. Procedimentos metodológicos**

Esta pesquisa caracteriza-se como qualitativa, bibliográfica e interpretativa. Seu objetivo não consiste em produzir dados empíricos sobre a pesca colaborativa da tainha em Imbé, nem em mensurar comportamentos, opiniões ou práticas dos pescadores envolvidos nessa atividade. O estudo propõe uma leitura filosófica e representacional da pesca colaborativa, utilizando a metáfora da tainha como instrumento para refletir sobre conceitos presentes no pensamento de Karl Marx e sobre suas possibilidades de problematização pedagógica a partir das contribuições de Paulo Freire.

A opção pela abordagem qualitativa fundamenta-se na compreensão de que determinados fenômenos sociais e culturais não podem ser reduzidos a dados numéricos ou a relações de causa e efeito. Conforme Minayo (2012), a pesquisa qualitativa busca compreender significados, interpretações e formas de construção da realidade, privilegiando a análise dos sentidos produzidos pelos sujeitos e pelas práticas culturais.

O desenvolvimento da pesquisa ocorreu por meio de levantamento bibliográfico, envolvendo obras relacionadas à pesca colaborativa, aos estudos sobre metáfora e representação, ao pensamento de Karl Marx e à pedagogia crítica de Paulo Freire. Também foram consultados trabalhos que abordam aspectos históricos, culturais e ambientais da pesca da tainha no litoral norte do Rio Grande do Sul, especialmente no município de Imbé.

A análise fundamenta-se na compreensão de que as representações constituem formas legítimas de interpretação da realidade. Nesse sentido, a tainha não é tratada como equivalente direto do trabalhador nem como demonstração concreta das relações sociais analisadas por Marx. Sua importância metodológica reside na possibilidade de funcionar como representação metafórica, permitindo aproximar experiências culturais específicas de conceitos filosóficos mais amplos.

Essa perspectiva dialoga com as contribuições de Burke (1992) acerca da representação, com as reflexões de Ricoeur (2000) sobre a metáfora e com os estudos de Lakoff e Johnson (2002) acerca da construção de sentidos por meio das imagens e da linguagem. A partir desses referenciais, a pesquisa compreende a metáfora não apenas como recurso literário, mas como instrumento de interpretação capaz de produzir novas formas de compreensão da realidade.

O percurso metodológico desenvolveu-se em três momentos complementares. O primeiro consistiu na contextualização da pesca colaborativa como prática cultural característica do município de Imbé. O segundo envolveu a discussão dos conceitos de representação, símbolo e metáfora, que oferecem suporte teórico para a interpretação proposta. O terceiro momento dedicou-se à análise da tainha como representação metafórica de conceitos presentes no pensamento marxista, bem como à reflexão sobre suas possibilidades pedagógicas à luz da educação crítica de Paulo Freire.

Dessa forma, o método adotado não busca comprovar teorias nem estabelecer relações causais entre a pesca colaborativa e o pensamento marxista. Seu propósito consiste em construir uma leitura interpretativa capaz de articular cultura, filosofia e educação por meio da linguagem simbólica, reconhecendo a metáfora como recurso legítimo para a produção de conhecimento nas ciências humanas.

#### **4. Resultados e discussões**

A análise desenvolvida ao longo desta pesquisa permitiu compreender a tainha como uma representação metafórica capaz de favorecer a reflexão sobre alguns conceitos presentes no pensamento de Karl Marx. Mais do que estabelecer correspondências diretas entre a pesca colaborativa e as relações sociais analisadas pelo autor, o estudo buscou explorar as possibilidades interpretativas produzidas pela linguagem simbólica e pela experiência cultural associada à pesca da tainha em Imbé.

A partir da discussão sobre representação e metáfora, observou-se que a trajetória da tainha pode funcionar como uma imagem capaz de suscitar reflexões sobre situações em que indivíduos e grupos sociais se encontram condicionados

por forças que limitam sua autonomia. Essa leitura não pretende afirmar que a tainha represente literalmente o trabalhador nem que a pesca colaborativa reproduza as estruturas do capitalismo descritas por Marx. O que se propõe é uma aproximação interpretativa entre uma experiência cultural concreta e determinados conceitos filosóficos relacionados ao trabalho, à alienação e à dominação.

Nesse sentido, a metáfora mostrou-se um recurso relevante para a compreensão de temas complexos presentes na tradição filosófica. Ao relacionar a experiência da pesca colaborativa com conceitos marxistas, torna-se possível construir leituras mais próximas do cotidiano, favorecendo processos de reflexão que articulam teoria e experiência vivida. A força dessa aproximação não reside na comprovação empírica dos conceitos, mas na capacidade de produzir novos significados e novas formas de compreensão.

Outro aspecto evidenciado pela pesquisa refere-se à possibilidade de interpretar a tainha como símbolo de resistência. Embora sua trajetória esteja marcada por condicionamentos e riscos, seu retorno constante ao longo dos ciclos migratórios permite associar sua imagem à permanência, à continuidade e à capacidade de enfrentar adversidades. Novamente, não se trata de demonstrar uma relação objetiva entre a biologia da espécie e as categorias marxistas, mas de reconhecer o potencial simbólico que essa imagem oferece para a reflexão filosófica.

A análise também permitiu identificar contribuições para o campo educativo. A metáfora da tainha apresenta potencial para ser utilizada como recurso pedagógico em atividades que busquem aproximar conceitos filosóficos da realidade cultural dos estudantes. Por estar vinculada a uma prática tradicional presente no litoral gaúcho, ela pode favorecer processos de problematização relacionados ao trabalho, à liberdade, à consciência crítica e às formas de organização da vida social.

Entretanto, é importante destacar que esta pesquisa não realizou aplicação pedagógica nem avaliou resultados educacionais concretos. Dessa forma, não é possível afirmar que a metáfora aproxime efetivamente os estudantes do pensamento marxista. O que os resultados permitem indicar é a existência de um potencial pedagógico que poderá ser explorado em futuras investigações ou experiências educativas fundamentadas na perspectiva da educação crítica.

Sob esse aspecto, as contribuições de Paulo Freire oferecem um importante

horizonte interpretativo. Ao defender que o processo educativo deve partir da realidade concreta dos sujeitos e promover a leitura crítica do mundo, Freire possibilita compreender como elementos da cultura local podem ser incorporados ao ensino sem perder sua riqueza simbólica. A pesca colaborativa e a metáfora da tainha constituem exemplos de experiências que podem ser problematizadas pedagogicamente, transformando-se em oportunidades para o diálogo, a reflexão e a construção coletiva do conhecimento.

Assim, os resultados desta pesquisa apontam para duas contribuições principais. A primeira refere-se à possibilidade de utilizar a representação metafórica da tainha como instrumento de interpretação de conceitos presentes no pensamento marxista. A segunda relaciona-se ao potencial pedagógico dessa metáfora quando articulada às contribuições da educação crítica freireana. Em ambos os casos, o foco permanece na produção de sentidos e na ampliação das possibilidades de leitura da realidade, e não na comprovação empírica das interpretações propostas.

## **5. Considerações finais**

A presente pesquisa teve como objetivo interpretar a tainha, observada no contexto da pesca colaborativa de Imbé, como uma representação metafórica capaz de suscitar reflexões sobre alguns conceitos presentes no pensamento de Karl Marx. Ao longo do estudo, buscou-se construir uma aproximação entre uma prática cultural característica do litoral norte do Rio Grande do Sul e categorias filosóficas relacionadas ao trabalho, à alienação, à dominação e à resistência.

Para alcançar esse objetivo, foi necessário compreender inicialmente a pesca colaborativa como um fenômeno cultural marcado pela interação entre pescadores, botos e ambiente natural. Entretanto, o foco da pesquisa não esteve na descrição da atividade pesqueira em si, mas nas possibilidades interpretativas que emergem a partir dela. Nesse sentido, a tainha foi tomada como uma representação metafórica, capaz de funcionar como ponte entre a experiência concreta e a reflexão filosófica.

As discussões teóricas sobre representação, símbolo e metáfora permitiram compreender que determinados elementos da realidade podem assumir significados que ultrapassam sua existência material imediata. A partir das contribuições de Burke (1992), Ricoeur (2000) e Lakoff e Johnson (2002), verificou-se que as representações constituem formas de interpretação do mundo e que as metáforas possuem potencial para produzir novos sentidos e novas formas de compreensão

da realidade.

Com base nessa perspectiva, a análise desenvolvida não buscou estabelecer equivalências diretas entre a pesca colaborativa e a teoria marxista. Ao contrário, procurou demonstrar que a trajetória da tainha pode funcionar como uma imagem interpretativa capaz de favorecer reflexões sobre condicionamentos, limites, autonomia e resistência. O valor dessa leitura não está na comprovação de conceitos filosóficos, mas na capacidade de produzir interpretações que aproximem experiências culturais e categorias teóricas.

A pesquisa também permitiu reconhecer a relevância dos conceitos marxistas para a compreensão crítica das relações humanas e sociais. As discussões sobre trabalho, alienação e dominação contribuíram para ampliar as possibilidades de leitura da metáfora proposta, evidenciando como determinadas imagens presentes na cultura podem favorecer reflexões sobre a condição humana e as formas de organização da vida coletiva.

No campo educacional, as contribuições de Paulo Freire possibilitaram compreender a importância de partir da realidade concreta dos sujeitos para promover processos de aprendizagem significativos. Nessa perspectiva, a metáfora da tainha apresenta potencial pedagógico para estimular o diálogo, a problematização e a construção crítica do conhecimento. Contudo, é importante destacar que esta pesquisa não realizou aplicação didática nem avaliou resultados educacionais, limitando-se a indicar possibilidades que poderão ser exploradas em estudos futuros.

Por fim, conclui-se que a pesca colaborativa de Imbé oferece um rico campo simbólico para a reflexão filosófica e educativa. A tainha, compreendida como representação metafórica, mostrou-se capaz de estabelecer conexões entre cultura, filosofia e educação, contribuindo para a construção de leituras críticas da realidade. Mais do que fornecer respostas definitivas, a metáfora abre caminhos para novas perguntas e novas interpretações, reafirmando a importância da linguagem simbólica como instrumento de produção de conhecimento nas ciências humanas.

## **REFERÊNCIAS**

ALMEIDA; PFEIFER. *Projeto “Os Botos da Barra do Rio Tramandai”*: CECLIMAR e Campus Litoral Norte da UFRGS. (2017).

BURKE, Peter. **A Revolução Francesa da Historiografia: a Escola dos Annales (1929-1989)**. São Paulo: Editora UNESP, 1992.

BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

ILHA, Elisa Berlitz et al. **Pescadores e botos: histórias de uma conexão em rede**. Ambiente & Educação, v. 25, n. 2, p. 512–535, 2020.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metáforas da vida cotidiana**. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2010.

MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política**. Livro I. São Paulo: Boitempo, 2023.

MARX, Karl. **Trabalho assalariado e capital**. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 32. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

PREFEITURA MUNICIPAL DE IMBÉ. **Plano de Gestão Integrada da Orla de Imbé**. Imbé, 2023.

**PROJETO BOTOS DA BARRA DO RIO TRAMANDAÍ**. Projeto institucional de conservação da pesca cooperativa entre botos e pescadores artesanais. Imbé: CECLIMAR/UFRGS, 2017. Coordenação: Ignacio Benites Moreno.

REZENDE, Marianna dos Santos. **Análise dos assobios de *Tursiops truncatus gephyreus* Laguna/SC: em busca de assobios assinatura**. Orientador: Guilherme Renzo Rocha Brito. Co Orientador: Bianca Romeu. 2022. 39 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Biológicas) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2022.

RICOEUR, Paul. **A metáfora viva**. São Paulo: Loyola, 2000.